



EDITORIAL

Os gastroenterologistas portugueses e a Europa

Portuguese gastroenterologist and Europe

Marie Isabelle Cremers

Serviço de Gastroenterologia, Hospital de São Bernardo, Setúbal, Portugal

No início de 2010 o GE-Jornal Português de Gastroenterologia publicou um editorial no qual se apresentava o trabalho desenvolvido e os objetivos da secção e do *Board* Europeu de Gastroenterologia e Hepatologia (designados em conjunto por EBGH)¹. Pretende-se agora oferecer uma atualização sobre as atividades do EBGH.

Em 2012, foi concluída a atualização do *Blue Book* do EBGH, que pode ser consultado no site do EBGH www.eubog.org². O *Blue Book* inclui os objetivos de trabalho do EBGH, o curriculum europeu de formação pós-graduada em gastroenterologia e hepatologia proposto pelo EBGH, programas para a formação sub (ou super) especializada em hepatologia, nutrição, oncologia e endoscopia de intervenção, para além de aspetos relacionados com a organização e locais apropriados para a formação de especialistas. Há cerca de 20 anos, quando o *Blue Book* foi elaborado pela primeira vez, constatou-se que os programas de internato complementar de gastroenterologia dos vários países europeus eram muito divergentes e diferentes do *Blue Book*. No decorrer dos anos tem-se verificado uma convergência desses programas de internato complementar.

Qual é a importância desta convergência e do *Blue Book*? A União Europeia (EU), na sua Diretriz 2005/36/EC, consagra a livre circulação de médicos na UE, segundo o conceito de «mercado livre». De facto, os colégios das várias especialidades de cada país são obrigados a inscrever colegas oriundos do estrangeiro e que pretendam estabelecer-se e trabalhar nesse país. Na realidade, cada vez mais se constata que o treino é diferente de país para país e muitos países atrasam o processo de reconhecimento

em vários meses e até anos (caso da França, por exemplo) ou impõem um complemento formativo para poderem exercer no seu país (caso da Dinamarca, por exemplo). Portanto, na prática, o reconhecimento mútuo não é automático.

A UE, ao consciencializar a diferença nos programas de formação e a dificuldade de reconhecimento mútuo, com a evidente preocupação no que concerne à qualidade de cuidados médicos prestados aos doentes, está a rever a Diretriz 2005/36/EC. O papel do EBGH é aconselhar neste processo e propor um curriculum europeu de gastroenterologia uniformizado, ou seja, o *Blue Book*.

Nesta altura, a UE está a ir mais longe, não apenas procurando uniformizar programas de internato complementar, a fim de haver uma real equivalência entre especialistas de vários países, mas também através de processos de certificação transversais europeus, baseados numa plataforma on-line de registo de conhecimentos, obtenção de créditos de reuniões ou cursos frequentados, etc. O culminar deste processo será a concretização de um exame europeu da especialidade. Encontra-se em desenvolvimento este projeto, designado por On Line Improvement of Medical Performance in Europe (OLIMPE), que pode ser consultado no site da UEMS. A execução do projeto OLIMPE prevê um processo com duração de 3 anos e a proposta de um exame europeu em 2015. O EBGH está, nesta altura, envolvido numa parceria com o Royal College of Physicians para a adoção e recomendação à UE do exame final de especialidade de gastroenterologia que o Royal College of Physicians desenvolveu e tornou obrigatório este ano na Inglaterra.

Os gastroenterologistas portugueses não estão de todo alheados da perspetiva europeia. No início de 2010, altura em que foi publicado o editorial, já referido¹, havia 4 especialistas portugueses com o título de *Fellow of the*

Correio eletrónico: cremers.tavares@hotmail.com

European Board of Gastroenterology and Hepatology. Atualmente são umas dezenas a poderem incluir este título nos seus curriculum e outros documentos. No final de 2009 existia um centro português creditado pelo EBGH para formação de gastroenterologistas, o Hospital de Santa Maria. Em outubro de 2012, um segundo centro, o Centro Hospitalar do Alto Ave, obteve também esta creditação. Os internos formados nestes serviços, no final do internato, se o solicitarem, obtêm automaticamente o título de *Fellow*.

Pelo facto de ainda só existirem 64 centros creditados em toda a Europa, o EBGH decidiu prolongar até ao final de 2014 a possibilidade de obter, de forma retrospectiva, o título de *Fellow*. Convido, assim, todos os colegas a consultarem o site www.eubog.org² e a submeterem a sua candidatura. Da mesma forma sugiro a todos os serviços com capacidade formativa que procurem obter a creditação pelo EBGH (podem fazê-lo de forma isolada ou em grupos regionais, por exemplo). Esta creditação poderá constituir um trunfo numa altura que é importante demonstrar a qualidade dos nossos hospitais na formação de especialistas e, logo, na qualidade dos cuidados médicos prestados aos doentes.

Responsabilidades éticas

Proteção de pessoas e animais. Os autores declaram que para esta investigação não se realizaram experiências em seres humanos e/ou animais.

Confidencialidade dos dados. Os autores declaram que não aparecem dados de pacientes neste artigo.

Direito à privacidade e consentimento escrito. Os autores declaram que não aparecem dados de pacientes neste artigo.

Conflito de interesses

Os autores declaram não haver conflito de interesses.

Bibliografia

1. Cremers MI. A Secção de Gastroenterologia da UEMS. *J Port Gastroenterol*. 2010;17:6–7.
2. European Board of Gastroenterology and Hepatology. Disponível em: www.eubog.org. [consultado em 2 Nov 2012].